



MADAME DORA LEHRFELD SANCHES DE CASTRO — Efeito de luz. Estudo pelos srs. Bitard & C.^a, proprietários da Fotografia Francaza, que obtiveram menção honrosa na Exposição d'Artes Gráficas de Lisboa.

II Série — N.º 402

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 3 de Novembro de 1913

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SECULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e impressão
RUA DO SECULO, 43



Trimestre..... 1820 cent. Semestre..... 2640 cent.
Ano..... 4880 cent. Numero avulso. 10 cent.



Fabrica Palmeira

49

TELEFONE 17

SUCURSAL—Ver-o-peso

Telefone 526

Caixa Postal 206

A primeira do Norte do Brazil, montada com todos os aperfeiçoamentos, satisfazendo as maiores exigencias nos artigos de seu ramo.

SECÇÕES DE

PADARIA, CONFEITARIA, BISCOUTARIA, TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ, REFINAÇÃO MECANICA DE ASSUCAR, MANIPULAÇÃO DE CHOCOLATE, MOAGEM DAS FARINHAS DE MILHO, ERVILHA, TRIGO, FEIJÃO, ARROZ ETC.;

Importante secção de Massas Alimenticias, onde se fabrica o afamado macarrão em pacotes, o unico que rivalisa com o Italiano, obtendo a medalha d'ouro na Exposição de Turim, em 1911. Fabrica-se tambem **Bombons, Amendoas, Cacau-Leite** em latas e sortimento completo de Biscoitos. Encontra-se á venda grande sortimento de cartonagem propria para presentes.

Rua Paes de Carvalho, n.ºs 6 a 16 — PARÁ



Vendas a retalho e por atacado. Artigo perfeito, sempre novo e para todos os preços.

DESCONTOS AOS REVENDEDORES

A. Pinheiro Filho & C.º

PARA * * BRAZIL

FABRICA

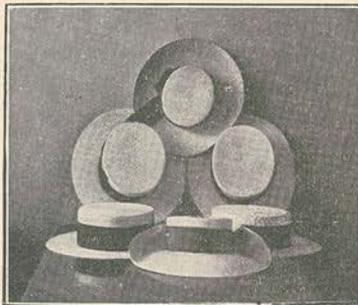
57

— DE —

Chapeus de Palha

Trv. RUY BARBOSA, 37
Agencia: Trv. S. MATEUS, 20

End. Telegrafico: "RUSTIC"
CAIXA POSTAL 275



CASA BANCARIA

E
ARMAZEM DE FERRAGENS

Moreira, Gomes & C.^a

7—RUA 15 DE NOVOEMBRO—7
PARA

COMPRAM E VENDEM MOEDAS DE TODOS OS PAIZES



Sacam sobre todas as praças
do mundo ao melhor cambio

Na Italia fazem paga-
mentos aos domicilios

CUIDADO!

não bebam senão cerveja

Hanseatica

E' A MAIS SABOROSA

Rua Dr. José Hygino, 115—RIO DE JANEIRO

BRASIL

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

A' VENDA

Almanach

do "Seculo"

PARA 1914



CARNE LIQUIDA

do Dr. Valdez Garcia
de MONTEVIDEO

E' O MELHOR—TONICO—RECONSTITUINTE

para curar a anemia, debilidade geral, afeções nervosas para a tísica, creanças raquíticas e convalescentes

*Exatamente como o tigre espreita a sua presa,
o resfriado vos espreita tambem.*

Usae as **Malhas higienicas**

do **Doutor**

RASUREL

Compostas d'uma mistura de lâ d'Australia e de fibras de turba antiseptica as malhas do Doutor RASUREL são quentes, leves e rigorosamente antisepticas. Conservam em volta do corpo uma temperatura sempre igual, preservando assim dos resfriados e dos reumatismos.

ÚNICOS DEPÓSITARIOS :

LISBOA : Casa Piiffa, 195, r. Augusta, 197.

PORTO : Casa " Paris no Porto ", 144, r. Sã da Bandeira, 146.



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 402

3-11-1913

Dia de Finados

Dobram os ultimos sinos nas ultimas torres, sobre as ultimas covas abrem as ultimas violetas. Um ceu baixo, um ceu cinzento d'outono pesa sobre a cidade como uma aza imensa de chumbo. A invencivel tristeza dos homens junta-se a dôr silenciosa da natureza. Dir-se-ia que uma chuva doirada de folhas secas cae na nossa alma. Parece que se vêem melhor os cabelos brancos. Com a memoria fugitiva dos mortos, surge, no nosso passado distante, a lembrança de tudo o que ha de morto em nós mesmos, loucuras de mocidade, vertigens de triunfo, illusões d'amor, sonhos de gloria,—a cinza e a névoa de que é feita, em cada dia que passa, a nossa propria existencia. Não. Os finados que nós mais choramos hoje, não são os que desapareceram á nossa volta,—são os que sepultámos dentro de nós.



167 contos

Foram publicadas pelo governo as contas de gerencia relativas ao ano economico de 1912-1913. O saldo é de 167 contos. A obra notavel do sr. ministro das finanças começa a encontrar, na evidencia dos factos, a sua confirmação. Ha quem diga que essa obra seria possivel dentro do regimen monarchico, se tivesse apparecido um homem com as qualidades de firmeza, de vontade e de talento do sr. dr. Afonso Costa. Ahirma-se que o



sr. João Franco, a conservar-se no governo, teria seguido, com o mesmo exito, o mesmo plano de administração. Puro engano. Dado que o sr. João Franco concebesse um plano identico, não o teria podido realizar. O organismo monarchico eliminal-o-ia como um corpo estranho. Ha obras que só as revoluções tornam possíveis,—pela criação de um novo estado juridico e de uma nova consciencia nacional.

Em Hespanha

Diz-se que a Hespanha começa a sentir as consequencias das dificuldades creadas pelo seu governo ás negociações do tratado com Portugal. O regimen pautal vigente para as mercadorias portuguezas determinou, na Hespanha, o aumento do respetivo preço de venda. Encareceu o peixe, encareceram as galinhas, encareceram os ovos. É um facto. Mas parece-nos ingenuo supor que o governo de Romanones desconhecesse tão profundamente as condições economicas do seu paiz, que não tivesse previsto as consequencias dos entraves sistematicos opostos ás negociações do tratado de comercio. Por mais defeituosa que seja por toda a parte a seleção dos homens de Estado, não é licito imaginal-os tão simples de espirito, ou tão divorciados dos interesses das nações que governam. O nosso



maior, o nosso supremo defeito foi sempre o de julgarmos os outros muito menos inteligentes do que nós.

Literatura

Apareceram ultimamente tres livros que, pelo seu valor, merecem especial menção: os *Pombos correios*, de Alberto d'Oliveira, artista admiravel que trabalha a prosa, voluptuosamente, como um ourives florentino do seculo XVI; as *Coisas que eu penso*, em que a sr.^a D. Virginia de Castro e Almeida atinge aquela amplitude de expressão que Nietzsche considera a mais nobre qualidade do escritor,—e *Rosal em flor*, de Joaquim Costa, série de comovidos poemas, onde ha nervos, onde ha sangue, onde ha dôr, e onde sobeja aquilo que falta em muitos dos nossos poetas: a sinceridade do sentimento.

JULIO DANTAS.

Ilustrações de Manuel Gustavo.

O Palácio da Ventura



SENTADOS ao calor da lareira onde resplandeciam, faiscavam brasidos de ouro, Pedro e Margarida evocavam o passado já distante.

Eram dois velhos de corpo sumido e de carnes mirradas, cercovando sob o peso dos anos, mas nas animadas mascaras, de grande mobilidade de linhas, não se lhes notava sofrimento e tristesa, e antes parecia espelhar-se n'elas o reflexo d'uma quietação que nunca tivesse desfalecido um momento.

Fóra da porta, a dois passos apenas, a sombra densa e mole caía sobre a terra afogando-a em treva; por vezes, tufões de vento passavam n'um desabrido galope, uivando sobre o telhado, e enovelavam a ramaria das arvores que se carpíam angustiosamente como almas desgraçadas que andassem perdidas na escuridão desolada: e Pedro, remexendo as cinzas quentes com a tenaz de ferro, que tremia nos seus dedos fracos e enghelhados, murmurava:

—Que noite!

Margarida, com a róca presa na cinta, encollhia-se contra ele á procura d'um refugio: —mas, no casebre que o lume amornava, tudo era pacificação e socego. Sobre uma pequena meza de pinho estavam ainda as louças que tinham servido para a ceia frugal. Enrodilhado a um canto, o gato, o «Maltez», ronronava abrindo de quando em quando os olhos que o fogo do borralho irrisava e tornava brilhantes e reluzentes como carvões acesos. Os poucos metaes da cosinha, postos com ordem nas prateleiras, resplandeciam na moveida claridade das chamas. Respirava-se, ali dentro, uma suave atmosfera de paz, de bem estar, de calma que nenhuma inquietação sobre-saltava: e o casal vivia contente, na ternura da sua adoração na suavidade das alegrias volvidas. O passado era para Pedro e Margarida como aqueles jardins encantados do rei Artur, que Tennyson docemente cantou e que levavam um seculo a percorrer, sempre de ventura em ventura e de surpresa em surpresa. Apenas uma lembrança magoada os entristecia, em certos instantes, quando reviam na memoria o unico filho morto em criança no momento em que a sua intelligencia, como uma flor divina, abria para o entendimento do mundo. Então, ele aparecia-lhes deitado no seu caixão pequenino, entre perfumados ramos de rosas orvalhadas, muito pallido e com as mãos em cruz sobre o peito, tendo ainda na boca o derradeiro sorriso que o frio da morte gelara: e lagrimas de saudade arrasavam os olhos melancolicos dos dois velhos.

—Deus assim o quiz!—murmurava Margarida com um fio de voz que parecia vir de muito longe, das mais r motas paragens do coração.

—Destinos!—concordava Pedro, com um gesto de resignado.

E recaíam no seu sismar continuo. Ah! se esse

filho vivesse! Seria agora um homem forte, de peito amplo e côres sadias, amparando nos braços musculosos a invalidez dos paes: e se amasse como eles se haviam amado quando a terra é um vergel em flôr e o misterio enleva os corações, aquela vivenda humilde e repousada encher-se-ia de cabeças loucas, de olhos claros, de facesinhas rosadas, de gritarias infantis! Mas ele dormia o eterno sono n'uma cova muito funda e silenciosa, sem nada querer da existencia transitória que os homens teíam em complicar para que as suas dores afflitivas sejam mais violentas.

A curta distancia da sepultura, Pedro e Margarida queriam sonhar até ao fim, recordando constantemente o puro amor que os unira e que tanta confiança, tanta graça e tanta luz lhes tinha dado. N'essa noite, Pedro atirando lenha secca para a fogueira, que dourava de fulgor o acanhado compartimento, contemplava furtivamente Margarida, que fiava o linho fazendo cantar o fuso, e mergulhava nas suas meditações. O que a velhice fizera d'essa mulher devotada até ao heroísmo e com um incomparavel espirito de abnegação e de sacrificio, que ha perto de meio seculo era a sua fiel e docil companheira! Outr'óra, na mocidade, fóra uma das mais lindas raparigas que a rosa do sol cobria. Era alta e delicada, tinha uma pele muito branca, uma fronte meiga e pensativa, um seio farto.

—Que estás tu a olhar, homem?—perguntava ela com essa doce e ingenua jovialidade dos velhos, se lhe surprendia a vista envolvendo-a de admiração e de carinho.

—Olho-te a ti!... Pois a quem ha-de ser? Não ha aqui mais ninguém!—respondeu Pedro.

—Não me conheces ainda?

—Conheço, mas não me farto de ver-te—acudia Pedro com um sorriso de agradecimento. Nem me fartarei enquanto viver e tiver consciencia!—concluía, aticando as brasas, que crepitavam e se desfazião n'uma poeira ardente de faíllas.

Novamente se embriam no afago das suas recordações, que tocavam de belesa os dias findos. Por influxo do sentimento, a illusão de ambos era tão intensa e luminosa, que chegavam a julgar-se outra vez na juventude, como se tivessem bebido a agua d'uma fonte de Juvencio escarlate e nunca possessem envelhecer. O seu coração batia com mais força, o sangue circulava-lhes nas veias mais apressadamente e as suas faces enrugadas rosavam-se. Pedro, fechando os olhos e concentrando-se, relembrava a aldeia onde tinha nascido, os primeiros anos da sua infancia na vasta herdade que os paes traziam de renda, os campos de trigo ondulando ás aragens de julho, o pomar em que as frutas amadureciam-se, como se isto o insprasse, dizia para Margarida:

—Tu ouvés?

—O quê?

—A tua casa era ao lado da minha. Ainda estou a vel-a! Na varanda de ferro, havia vas-s com cravos vermelhos que todas as manhãs regavas, de mangas arregaçadas.

—Em que estás a matutar, alma do Senhor?

—Ora! Acudiu-me esta coisa á imaginação. Que mal faz que a gente se recorde? E' tão bom!...

A casa de Margarida, com efeito, ficava pegada á de Pedro. Era uma enorme habitação de lavrador rico e orgulhoso da sua fortuna, com extensas adegas onde errava sempre, na fresquidão da penumbra, um ar ma excitante de vinho, celeiros com fileiras de tulhas, amplas salas com tés e altos e maçãs comezas amadurecendo nos frisos. Pela primavera, as andorinhas em ranchos faziam ninho sobre o largo beiral pintado de vermelho: e nas férias grandes, o irmão de Margarida, o Domingos, que andava em Coimbra, nos estudos, tocava guitarra debaixo do parreiral que ensombrava o pateo, namorando as

fiado e corrido de vergonha pela brutalidade. Mais tarde, o fidalgo da Varziela, apeteendo-lhe o dote e a beleza da flôr viçosa, durante mezes passara-lhe todos os dias á porta, montando um cavalo baio que era uma estampa e trazendo sempre um fresco botão de rosa na boteira do casco. O sr. Matias notando a assiduidade do cavaleiro, rosnou:

—Como se arruinou pelas feiras, jogando o monte, lá entende que eu tenho filhas para lhe encherem a bolsa e lhe sararem o coração. Um tiro!...

Trancou as janelas e mandou dizer ao da Varziela que lhe não policiasse a porta com tanto cuidado porque, para se defender, tinha lá em casa um bacamarte carregado de zagalotes. Margarida, que na sua inocência de nada suspeitava, passava os dias recolhida, costurando, entregando-se aos cuidados do *ménage*. Todas as manhãs dava de comer aos canários e á tarde, ao descer do sol



creadas de lavoura. N'esse tempo, ela era uma senhora amimada que apenas saia aos domingos para ir á missa em companhia do pae, o sr. Matias, homem espadaúdo e robusto que usava suizas e que trazia sobre o colête, servindo de corrente, um grosso grilhão de ouro.

—Já te esqueceste, Margarida?—interrogou Pedro.

—Para que te havia de dar!...—ralhava ela, sorridente.

A vaidade que o sr. Matias tinha n'essa filha, que as outras raparigas tratavam por «fidalguinha» e que tinha, na verdade, um d'stincão uma elegancia aristocraticas! Ninguém a merecia, ninguém era digno d'ela.

Quando o Duarte brizileiro lh'a foi pedir para casamento—e esse vivia num palacio com grande estadao de criadagem, tinha carro, dinheiro sem conta nos Bancos e ferteis quintas—o sr. Matias, rindo sarcasticamente, declarou que Margarida não nascera para domesticar elefantes—e voltára as costas, desdenhosamente, ao ricoço en-

regava os craveiros da varanda, que respirava para o quintal e que as madresilvas em flôr cobriam. Pedro tinha então vinte anos e ela desoito.

—Como foi que gostaste de mim?—perguntava, estendendo as pernas para o calor da lareira.

—Boa!—respondia Margarida com um riso, parando um momento de fiar.

—Anda, dize!

—Eu sei lá homem?... Já me não lembro! Ha quanto tempo isso lá vae!...

Aquele amor fóra, na verdade, uma loucura de Pedro e ainda agora, pensando n'ele, não c compreendia. Se o sr. Matias negára Margarida ao Duarte brasileiro, que não sabia o que tinha de seu, e ao fidalgo da Varziela, um bonito moço descendente d'uma familia de grande nome, como lh'a daria a ele, pobre e filho de pobres que todo o dia lidavam nas canceiras asperas da terra, semeando o pão e as flôres! No entanto, Margarida, quando ia regar os vasos de cravos, ficava-se durante horas curvada á varanda, a olhal-o com um olhar de infinita suavidade. A sua ternura por ela

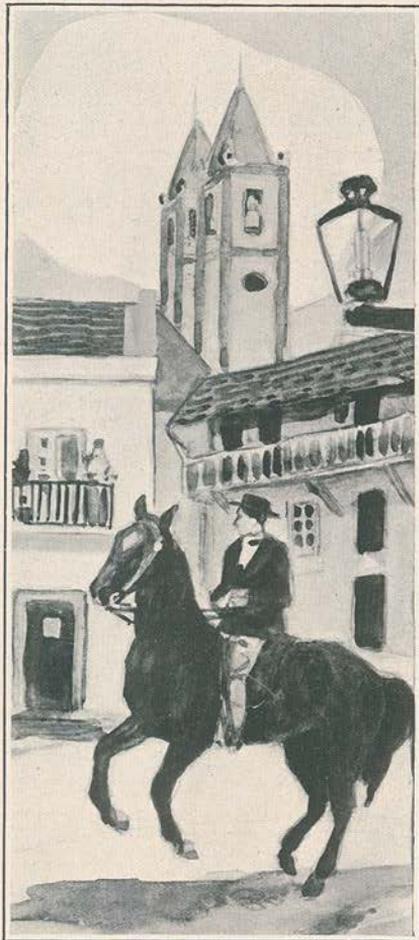
crescia constantemente, transbordava, trazia-o alheado. Nos primeiros tempos achou aquilo natural. Margarida dizia-lhe:

—Boas tardes, visinho!

Pedro respondia, sem sobresaltos:

—Boas tardes, visinho!...

Não havia nada de extraordinário no facto de pessoas que viviam próximas umas das outras se darem bem. Nem o sr. Matias estranhava! Mas com o volver dos mezes, Margarida de dia para dia demorava-se mais nas conversas, fitando Pe-



dro com uma insistencia que o deixava bastante perturbado.

—Eu custava-me a acreditar no que via—afirmava agora Pedro, a cincoenta anos d'esse episodio lirico que decidira de toda a sua vida. Tinha medo—confessava ele.

—Medo de quê?

—De que me escarnecesses, de que o dissesse a teu pae, de tudo!

—Afinal!... — comentava ella, fiando nervosamente.

—Sempre me decidi, é verdade. Mas foi porque

um dia, na varanda, tu mesorraste tão bondosamente!...

Margarida pousou o fuso e olhou Pedro com meiguice. A sua fronte emoldurada pela massa dos cabelos brancos, resplandecia.

—Ha quanto tempo isso foi!—murmurou.

—Tens pena?

—Não! Nunca tive de que arrepender-me! Deus bem o sabe!

Então, Pedro quiz que ella lhe contasse, mais uma vez, a sua fuga de casa, por uma noite escura e sem estrelas, só com a roupa que trazia no corpo, indo ter com elle, tranzida de medo, ao quinteiro para que a levasse para longe, para muito longe, escolhendo um sitio ignorado por toda a gente e uma casa pequena, em que apenas coubessem dois corações que muito se queriam.

—Pois foi assim!...—explicou ella. Eu gostava muito de ti, não pensava em mais nada e não poderia viver se nos separassem. O nosso casamento era impossivel. Nunca meu pae consentiria em que eu fosse mulher d'um cavador. Era capaz de me matar se eu teimasse... Andava lá por casa o Marcos da Ribeira...

—Bem sei!—atalhou Pedro.

—Tinha-lhe caído em graça e a todos os momentos me dizia:—«Aquilo é que é uma perfeição de rapaz! E rico, muito rico!» Por mim não o podia enxergar. Ora, quando vi que as tenções de meu pae eram as de me casar com elle, logo formei tenção de fugir de casa para a tua companhia. E se melhor o imaginei, melhor o fiz...

—A's vezes, quando me lembro, chego a ter magoa—afirmou Pedro.

—Magoa de quê?

—De todo o bem que perdeste, por amor de mim. Serias hoje uma senhora, viverias n'um palacete, terias tudo o que quizesse.

—Cala-te!—interrompeu ella, pondo-lhe a mão na boca. Eu nunca pedi mais do que o que tu me deste!

Houve um momento de silencio, em que os dois velhos pareciam recordar-se, revolvendo nos seus mortos.

—E as nossas familias? O que será feito d'elas?—interrogou Pedro.

—Não sei, nunca mais tive noticias, nem me importa. Se ainda vivem, julgam-nos mortos, de certo. Meu irmão, naturalmente, casou-se, tem hoje filhos, é feliz, ficou com toda a fortuna de meu pae. Os teus lá iriam arranjanado com que viver. Graças a Deus, tambem o pão nos não tem faltado!...

—Mulher, rendamos os nossos agradecimentos ao céu, por este descanso e por esta alegria!—disse Pedro, erguendo as mãos e resando.

Estiveram, um instante, recolhidos nas suas orações—e sobre as cabeças de ambos dir-se-ia pouzar levemente um halo de luz, como nas alegorias religiosas. No borralho, iam morrendo as brasas.

—E' tarde!—murmurou Pedro. Vamo-nos deitar.

—Vamos!—respondeu Margarida.

Pouco depois, um silencio profundo baixava sobre aquella habitação humilde e isolada, construida á beira da floresta, no meio d'uma larga horta onde as hortaliças todo o ano verdejavam, onde cresciam as fruteiras e onde, em canteiros rentes ás paredes, floriam em junho os cravos vermelhos que Margarida tanto amava. Ha meio seculo que o pardiello edificaco com pedras soltas abrigava uma incomparavel ventura humana. O amor fazendo ali a sua morada, tivera um capricho semelhante ao d'aquelle poderoso rei doente que, para se curar da sua enfermidade, precisava de vestir a camisa d'um homem que fosse inteiramente feliz, e que correu numa ancia o mundo á procura d'esse homem raro. Quando o encontrou, ofereceu-lhe pela camisa um tesouro.

—Camisa?—respondeu elle. Nunca a tive!...



OS TEATROS

O LISBOETA E O THEATRO — DE COMO «A MULHER DE MARMORE» NÃO É MELHOR NEM PEIOR DO QUE AS OUTRAS OPERETAS AUSTRIACAS — A ATRIZ CANTORA D. MARIA JUDICE DA COSTA

O lisboeta tem dois grandes vícios: a politica e o teatro. Na politica, como espectador, uma aspiração permanentemente o agita: a queda do governo, seja qual for o governo. No teatro, como publico, um desejo surdo o anima sempre: a queda da peça, seja qual for a peça.

Estes são os dois polos da curiosidade alfacinha. Entre eles e a facada ou o suicidio do dia, vivem a sua sensação, mais bisbilhoteira que inquieta e a sua fantasia, mais maliciosa que ardente. Na manhã em que, nos jornaes, o lisboeta pôde ler a noticia de que um ministerio caiu, em S. Bento ou na noite em que, á vontade, pôde com exito patear uma revista no Avenida ou uma tragedia no Nacional, o lisboeta tem a grata impressão de não ter perdido o seu tempo e adquire a doce certeza, que nenhuma outra excede, de que dispõe de conversa, de ironia e de bom humor para uma semana inteira.

Por isso, a comedia politica e a intriga teatral, são tão intensas em Lisboa, onde a vida intellectual é uma coisa frouxa, e a vida mundana um aspéto mediocre. Por isso, Lisboa sustenta, relativamente á sua população, mais theatros do que Paris e, por isso, se o grande predileto das multidões, em Madrid, é o toureiro, em Lisboa é o ator. O ator gosa, entre nós, de imunidades especiaes, que vão desde o alfaiate até ao senhorio—e ha honradissimas pessoas incapazes de aceitar um b.lhete de beneficio d'um carteiro e que por nada d'este mundo faltariam á festa artistica do sr. Chabi ou da sr.^a D. Palmira Bastos a quem aliás não tem o gosto de cohecher pessoalmente.

A *Ilustração Portuguesa*, fiel a esta predileção, abre d'ora ávante, nas suas colunas, uma pagina semanal destinada a arquivar, no comentario leve e no desenho rapido, a noticia do ultimo cartaz e o entrecho da ultima peça. O leitor, que gosta de coleccionar politicos e atrizes e que já tinha na *Ilustração* o seu album do Terreiro do Paço e de S. Bento, ficará agora tendo tambem o seu album teatral.

O inverno em Lisboa, como, de resto, em Londres ou em Paris, não começa, como no excelente tempo dos nossos avós, com as prescrições do calendario. Começa nos theatros, quando os theatros o annunciam. Primeiro, o Coliseu, com os seus acrobatas e o grande nariz dos seus *clowns*; depois o Ginasio, com a *Menina do Chocolate*; a Trindade e agora o Republica, com o sr. S. Luiz de Braga, já decretaram, este ano, o começo do inverno em Lisboa.

Foi a Trindade quem nos deu a primeira peça nova e faltaria a um dos mais sagrados deveres se o não fizesse com uma opereta austriaca. A *Mulher de Marmore*, que o empresario Taveira escolheu para inaugurar os seus espectaculos, pertence a esse genero de semsaboria em pé de valsa que ha cinco ou seis anos partiu de Vie-

na com a *Viuva Alegre* e tem dado a volta ao mundo. A Moda soberana consagrou até agora essa insipidez em que, áparte a maior ou menor vivacidade da inspiração volutuosa das suas arias ou dos seus duettos, os motivos comicos, liricos e musicos são sempre os mesmos, quer se trate da *Princesa dos Dollars*, dos *Amores de Principe* ou d'esta sfigica *Mulher de Marmore*,... e de granito, em cujo misterioso peito eternamente dormirá o segredo do seu titulo e dos seus encantos. E sempre, disfarçado em barão, em conde, em tenente, o mesmo galá; disfarçada em millionaria, em millista, em condessa, a mesma aventureira; o mesmo baile no 1.º, no 2.º ou no 3.º ato—e, invariavelmente, a mesma intriga amorosa, os mesmos *trucs* orchestraes, e, como *libretto*, o mesmo inverosimil bocejo em trez atos, em que, sempre ao compasso languido da mesma languida valsa, um barão persegue uma condessa, um conde persegue uma baroneza, um principe uma princesa ou vice-versa.

Uff... Mas é moda. Curvemo-nos, consolando-nos apenas com a idéa de que já, em toda a parte, uma forte reação se desenha contra esse cabotinismo cosmopolita, sem pitoresco, sem graça e sem caracter, que os discipulos de Franz Lehar invariavelmente moem no mesmo realejo afortunado. Em Paris, a recente *réprise* da *Mascole* serviu para demonstrar aos seus criticos e ao seu publico o injusto esquecimento em que os ultimos anos de *partituras* extranhas tinham lançado a velha e linda musica franceza. A memoria de Ciriaco de Cardoso não tardará muito tambem, entre nós, em vingarnos do exotismo dos ultimos repertorios de musica ligeira que, com uma persistencia digna de melhor sorte, temos importado e estamos importando dos theatros alemães.

A *Mulher de Marmore* que não é, no nosso fraco entender, melhor nem peor do que, salvo uma ou outra exceção, as suas congeneres e patricias, e que os amadores do genero devem ir ver, porque é digna d'isso, excellentemente encenada no Trindade, serviu para apresentar ao nosso publico, na opereta, a voz magnifica e quente da sr. D. Maria Judice da Costa, cantora de opera de consagrados recursos.

D. Judice da Costa é, evidentemente, uma preciosa aquisição, para um genero que, em Portugal, é cada dia mais falho de bons interpretes cenicos e musicas. A parte os seus dotes vocaes, muito superiores ás exigencias do genero a que vai dedicar-se, dispõe d'uma notavel distincção de figura e de notaveis recursos de atriz.

Simplemente, a sr.^a D. Judice da Costa é uma atriz dramatica e vem-nos, para o Trindade e para a partitura do sr. Adolph, dos braços de Wagner. Ela ha-de portanto perder em magestade o que precisa de ganhar em graciosidade e leveza—e no dia em que se resignar a perder as ultimas saudades da *Brunilda* e da *Gioconda*, as suas autenticas condições de atriz e de cantora proporcionar-nos-hão, de certo, galantes horas de banalidade e de gentileza.



A. DE C.



BEM PERDIDO

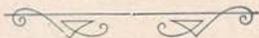
Aquele doce bem que vi perdido,
Sem esperança de o tornar a vêr,
Diz-me segredos inda ao meu ouvido,
Enche de luz ainda o meu viver.

Mas foge, como foge o que é querido
Ao coração, cançado de sofrer;
E, nas azas de luz, leva escondido
O coração, talvez, d'uma mulher.

E, através as sombras da memória,
Vejo surgir em toda a sua glória
Aquele que perdi e que amei tanto.

Mas quanta dôr traduz o seu olhar!
Se ela chora, obriga-me a chorar,
E lava as minhas chagas com seu pranto.

Joaquim Costa



STUART

O naufragio do patacho "Navegante"



o barco procurou largar a ancora o ferro partiu-se e a embarcação foi varar em seco violentamente.

A tripulação salvou-se devido aos esforços da população de Sines assim como parte do carregamento e o patacho abandonado era dentro em pouco destruido pelos embates fortissimos

O «Navegante» encalhado na praia de Sines momentos antes do mar o destruir. Em baixo, à esquerda, os trabalhos para a salvação da tripulação

Os grandes temporaes dos ultimos tempos causaram inumeros prejuizos devastando propriedades, gerando cheias



A salvação d'um dos tripulantes por meio d'um cabo de vae-ven

das ondas. Comandava o navio naufragado o capitão sr. João Magano que é um destemido marinheiro.



Salvação das madeiras escapadas à furia do mar

que inundaram os campos, fazendo d'algumas ruas de Lisboa verdadeiros mares.

Houve tambem alguns sinistros maritimos e entre eles o do patacho *Navegante* de que era agente o sr. A. M. Freitas e que partira de Lisboa para Sines carregado de adubos. A violencia da agua era muita e quando



Restos do patacho «Navegante», que o mar destruiu em poucas horas
(Fichas do sr. José Monteiro Guerreiro)

VIDA COLONIAL

"GARDEN-PARTY" EM LOANDA



1. Aspêto da festa oferecida
franceza

Foi verdadeiramente encantadora a festa oferecida pelo sr. major Norton de Matos, governador geral de Angola, e sua esposa, D. Ester Norton de Matos, á officialidade da canhoneira franceza *Surprise* que em setembro visitou o porto de Loanda. Mais de cem pessoas, entre as quaes muitas senhoras, passaram uma tarde deliciosa no jardim do palacio do governo, taes foram os atrativos que o



aos officaes da corveta
Surprise

governador geral proporcionou aos homenagenados e ás demais pessoas que assistiram a essa interessante festa.

E' com a maior gentileza que o chefe da provincia de Angola recebe sempre os hospedes de distincção que o visitam para o que tem a auxilial-o as delicadas atenções das senhoras da sua familia que são inexcusaveis no acolhimento feito aos seus convidados.



2 e 3 Outros aspêtos da festa

A Agência do Século, em Paris

Ha pouco mais de tres mezes, O Século annunciou nos seguintes termos a inauguração da sua Agência de Paris:

« Tem sempre procurado este jornal corresponder ao favor do publico, aperfeiçoando sem cessar a organização dos seus serviços. E, graças a um esforço constante de que podemos vangloriar-nos com legitimo orgulho, ele tem dado ao publico portuguez tudo quanto, nos grandes centros onde até hoje a civilização mais avançou, o publico exige da imprensa que melhor o orienta e informa.



D'esta vez se pôde dizer com verdade que a nossa iniciativa corresponde a uma necessidade de que de ha muito se fazia sentir. Os grandes jornaes dos paizes cultos teem as suas agencias instaladas na capital franceza, centro comercial da Europa e onde reside, pôde dizer-se, a direção intellectual do mundo. Não a tinha, até agora, nenhum jornal portuguez. Vae tel-a o Século; e na sua organização nós procuramos atender não só aos interesses particulares dos portuguezes que voijam, mas também aos interesses vites do nosso paiz.



1. Na rua des Capucines: A agência do Século.

2. Um apêlo do salão: Da esquerda para a direita: Srs. José Mariano de Campos, distinto medico brasileiro, sua filha e esposa, dr. Lambertini Pinto, Hugo Saturnino, A. Abecassis, de Smedt, mademoiselle Juliana Santos.

Na sua agencia de Paris, O Seculo terd, minuciosa e escrupulosamente organizado, um serviço completo de informações para ser útil não apenas aos portugueses que visitam a França, mas a todos os nossos comerciantes e industriaes que procurem

de passagem em Paris encontrarão o meio mais economico e mais comodo de se instalar em hotéis confortaveis pelos preços mais modicos, em frequentar os teatros, em fazer excursões, em comprar nos melhores estabelecimentos em condições excecionalmen-



divulgar no estrangeiro os seus produtos e a todos os comerciantes e industriaes francezes a quem a propaganda no nosso paiz possa convir. Dirigindo-se á nossa agencia, os portugueses

te vantajosas, dadas as reduções de preços que conseguimos obter-lhes. Pelo que diz respeito ao publico francez, ele encontrará na nossa casa parisiense todas as informações que possa dese-



1. A sala do expediente na agencia do Seculo.—2. Um aspecto do gabinete do diretor.



as circunstâncias eles serão ali recebidos como merecem que é como que, para além do Atlantico, um prolongamento, engrandecido, florescente, da nossa propria terra.

O Seculo entregou a direção da agencia de Paris ao sr. Paulo Osorio, de cujos meritos literarios, tanta vez n'estas colunas affirmados em brilhantes artigos, que os nossos leitores estão habituados a apreciar com carinho, não temos que fazer o elogio, bastando-nos dizer que temos fundada esperança que serão egualados pelos meritos de organizador de que ha de dar prova n'este empreendimento.

Após tres mezes de trabalho, é-nos grato constatar que a iniciativa da empreza d'esta publicação tem visto coroados do melhor exito os seus esforços e que a Agencia de Paris segue n'um caminho de progresso e tambem, se assim nos é licito dizer, de popularidade. Raro, pôde afirmar-se, o portuguez que hoje passa em Paris sem visitar a nossa casa. E da importancia e do desenvolvimento dos seus serviços uma simples nota de estatística dará a melhor prova. Só no mez de Setembro, o numero dos visitantes foi de 183, 22 as pessoas que se utilizaram do nosso serviço de hoteis, 150 as informações dadas por cartas, 29 o numero de casas commerciaes recomendadas, 35 as representações de casas francezas obtidas para o commercio portuguez, 15 as representações de casas portuguezas conseguidas

1. Um aspecto do gabinete do diretor.

jar sobre o nosso paiz, todas as facilidades para se nôr em relações com ele e ainda o ensejo de apreciar as obras primas das nossas artes e das nossas industrias em exposições que é nossa intenção organizar.

De todos esses serviços e d'outros ainda daremos proximoamente detida conta aos leitores. Mas desde já nos é licito realçar o largo e patriótico alcance da nossa iniciativa. Ela concorrerá poderosamente, eficazmente, para a propaganda de Portugal no estrangeiro: ela procurará prestar os melhores serviços ao commercio e à industria nacional.

A agencia do Seculo em Paris está instalada na Rue des Capucines, entre a Rue de la Paix e os grandes boulevards, a dois passos da Place Vendôme, a alguns minutos da Opera, no bairro de maior movimento de Paris, na vizinhança dos grandes creadores da Moda, dos joalheiros mais celebres do mundo, dos grandes hotéis, restaurantes, casas de chá, do rendez-vous obrigado de todo o Paris elegante e de todo o estrangeiro, no centro de toda a vida mundana e commercial parisiense.

Essa situação, o conforto das suas instalações, a segura vantagem que os seus serviços, cuidadosamente organizados, oferecerão aos que a elles recorrerem, hão de fazer, estamos certos, da agencia do Seculo o ponto de reunião de todos os portuguezes que tenham residência permanente ou temporaria na grande capital. E não só dos portuguezes, mas tambem dos brazileiros, porque evidentemente n'estes egualmente pensámos ao esboçar esta iniciativa. Em todas



2. O sr. Paulo Osório, diretor da Agencia d'O Seculo. — (Cliché Sjoval)

2. Um aspecto do salão na agencia.

em Paris, sem contar as compras feitas por intermédio d'agência para Portugal, as publicações promovidas em jornaes estrangeiros, as informações mandadas para Lisboa por cartas e telegramas, os orçamentos de viagens elaborados, os mil esclarecimentos prestados dia a dia ao publico que frequenta as nossas instalações parisienses.

Por contrato com umas das primeiras fotografias de Paris, a Agência d'*O Seculo* oferece aos vi-

ca com o *bureau* do expediente instalado com simplicidade e elegancia. Ao fundo d'essa sala está a cabine telefonica onde o publico tem acesso por uma porta exterior. A seguir é o gabinete do sr. Paulo Osorio, diretor da Agência, ligado por um telefone particular com a sala do expediente. Nas paredes d'esse gabinete algumas fotografias e, n'uma ampliação excelente, o retrato do diretor d'*O Seculo* e nosso querido amigo sr. Silva Graça.

Essa peça comunica ainda com um pequeno corredor por onde se entra para as outras dependencias; pequeno salão, arrecadações, gabinetes de *toilette*, etc. Exteriormente, a Agência faz-se notar por uma grande tableta negra que ocupa a largura de tres janelas e onde se lê, em letras douradas, *O Seculo*, *Quotidien de Lisbonne*. Em duas outras, colocadas nas janelas lateraes, lê-se *Illustração Portuguesa* e *edition pour le Bresil*. Nas janelas ha *stores* vermelhos e brancos em cujos lambrequins se inscrevem as palavras *Renseignements*, *Abonnements*, *Publicité*, *Propagande*, *Information*. Ao lado n'uma enseigne luminosa visível da rua de la Paix e dos grandes *boulevards*, lê-se *O Seculo* em letras brancas sobre fundo encarnado. No dia 5 d'Outubro essa fachada es-



1. Sala da venda e expedição
2. O pequeno salão.
(Clichés Christaché)

stantes um *bon que* lhes dá direito a um retrato artistico da melhor execução e de grande formato. Sobre já a mais de 100 o numero de *bons* distribuidos.

As instalações da Agência foram feitas tendo em vista o maximo conforto. O local é vasto, a situação em pleno centro de Paris é incomparavel. Entrando-se na larga porta do n.º 8 da rue des Capucines, vê-se o ascensor que conduz o publico ás instalações. Estas compõem-se d'um amplo vestibulo comunicando diretamente com tres das salas principais. A direita da entrada é a sala de expedição e venda. N'essa sala estão expostos grande numero de artigos de comercio para amostra, além das coleções dos jornaes d'*O Seculo*. Em frente da porta principal é o Salão de Leitura, vasto, rodeado de espelhos, profusamente iluminado. N'esse salão, mobilado com o maximo conforto, encontram-se todas as publicações d'*O Seculo*, alguns jornaes francezes, e grande numero de indicadores de viagens. Duas mezas para escrever são postas á disposição dos visitantes. Sobre o fogão, além dos *specimens* das fotografias oferecidas, vêem-se, n'uma vitrine, algumas bonecas em moda primorosamente vestidas segundo os ultimos modelos da moda parisiense. Essas bonecas, fabricadas pela casa Brunswich, são verdadeiras obras d'arte. Esse salão comuni-



teve ornamentada com as bandeiras portugueza, franceza e brasileira.

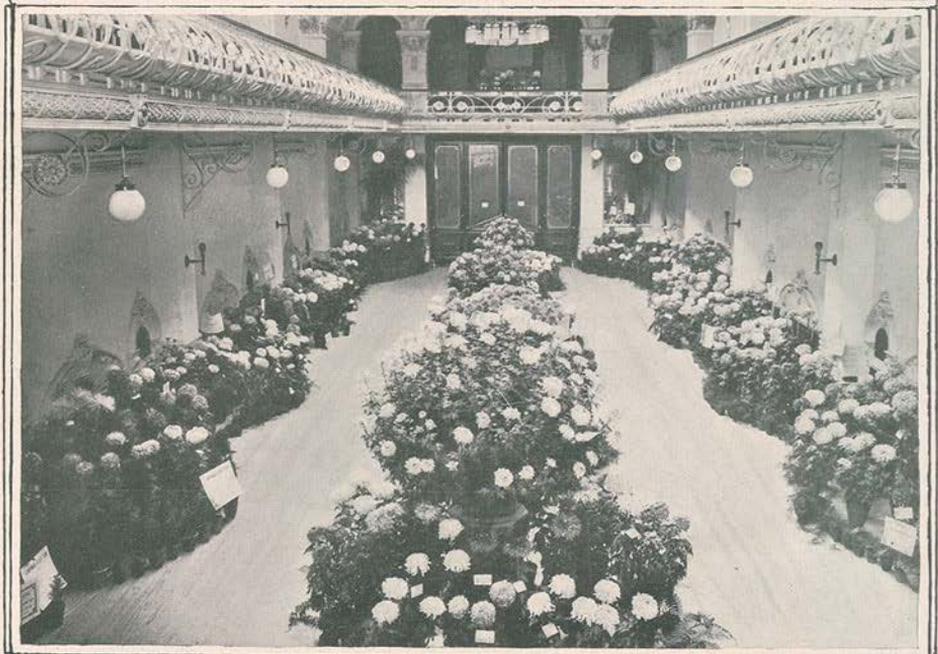
Entre as pessoas que tem honrado a Agência do *Seculo* com a sua visita permitimo-nos citar o sr. dr. Antonio Macieira, ministro dos negocios estrangeiros, João Chagas, ministro de Portugal em Paris, Augusto d'Oliveira Soares Junior, em nome da Associação Commercial de Lisboa, J. de Padua Franco, pela Sociedade Propaganda de Portugal. De todos o diretor da agência ouvia as palavras mais elogiosas, exprmindo o aplauso e a simpatia que a S. Ex.ª merece a iniciativa d'*O Seculo*, iniciativa cujo alcance patriótico é seguramente incontestavel.

A FLÔR DA ESTAÇÃO



O sr. comendador Lopes Guimarães e sua esposa são devotados cultores da linda flôr da estação, o crisantemo, de que se fazem agora esplendidas exposições d'encanto para a vista.

Não é só em Lisboa mas em diversas terras do paiz, e sobretudo no Porto, teem-se realisado tambem exposições destacando-se a do jardim Passos Manuel que é magnifica.



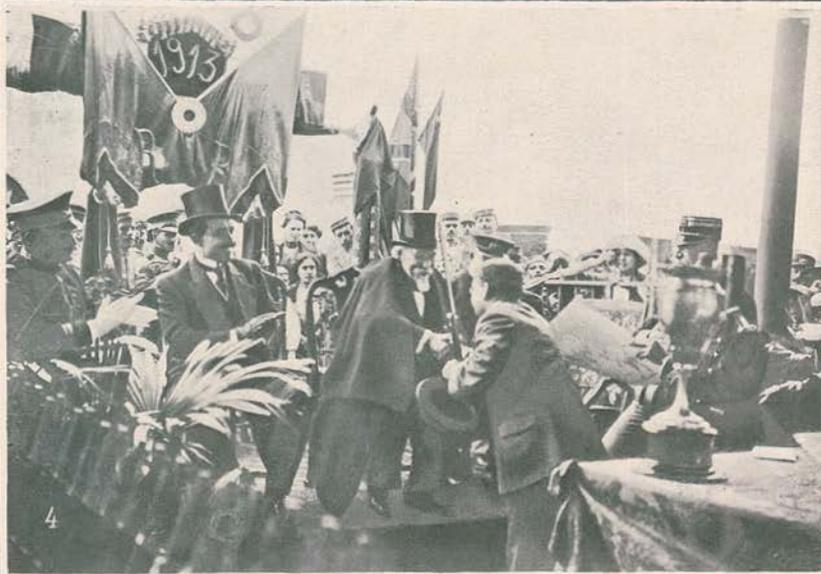
1. Um aspecto do jardim do sr. comendador Evaristo Lopes Guimarães onde se cultivam lindissimos crisantemos.—2. Comendador Lopes Guimarães.—3. Sr.^a D. Francisca Guimarães, esposa do sr. Lopes Guimarães e uma apaixonada cultora de crisantemos.—4. Aspecto da exposição de crisantemos no jardim Passos Manuel no Porto
(Clichê do sr. Augusto Pinto Chaim Junior)

Figuras Factos



O sr. Francisco Xavier d'Almeida tem-se dedicado com verdadeiro amor á cultura dos crisantemos a linda flôr importada do Japão e que toda a Europa adotou.

Difícil porém se torna apresentar mais belos exemplares que os expostos pelo sr. Xavier d'Almeida na realidade formosíssimos.



1. Sr. Xavier d'Almeida.—2. Belos exemplares da flôr da estação.—3. Aspêto do terreno no hipódromo de Palhavã, onde o sr. Xavier d'Almeida faz as culturas dos seus crisantemos.—4. O chefe do Estado distribuindo os premios aos individuos melhor classificados no concurso de tiro de Pedrouços.



O sr. dr. Jorge Moraes é o director clinico da Beneficencia Portuguesa de Manaus onde tem prestado relevantes servicos aos nossos compatriotas. E' tambem senador pelo Estado do Amazonas tendo affirmado na politica uma individualidade tao grande como na ciencia.

O sr. dr. Jorge de Moraes, illustre medico brasileiro.



Camara, é um *sporfina* illustre, e tenente de reserva da marinha britannica. Este nosso distinto compatriota vive ha quatro annos na capital de Inglaterra, sem ter visitado mais a Portugal, mas cultivando a sua lingua com rara pureza e entranhado patriotismo. O retrato que reproduzimos foi oferecido ao nosso collega Machado Vieira por occasião da sua ultima viagem a Londres.

Sr. Alexandre Pidal, illustre estadista hespanhol, falecido em Madrid.



Sr. John Mardel



Emprezario Luiz Galhardo

Luiz Galhardo, mercê do seu tacto, tem sido um dos



Ator Almolda Cruz



Atriz Palmira Bastos



Ator José Ricardo

nida, que será interpretado pelos artistas cujos retratos



Atriz Maria Litall

mais felizes emprezarios do paiz. Isso se demonstra com o progresso a que fez chegar o Avenida cujas epochas tem sido brillantissimas, o que sem duvida se repetirá este ano conforme promete o belo elenco e o repertorio escolhido pelo intelligente director do teatro que é ao mesmo tempo um distinto escritor cujos trabalhos mereceram sempre a boa aceita-



Atriz Etelvina Serra

ção do publico. O repertorio do teatro Ave-



Ator Armando de Vasconcelos

Atriz Julieta Soares

publicamos, conta entre outras as peças *Flôr da Rua*, *Rainha das Rosas*, *Helda*, *Maria do Rosario*, *Os maridos elegantes*, o *Ramo de Perpetuas*, tudo operetas estrangeiras e nacionaes onde hão-de brilhar os talentos dos interpretes entre os quaes estão a illustre atriz Palmira Bastos e o illus-



9. Ator Estevão Amarante.—10. O ator Brazão Gambôa, que se estrela no Avenida.—11. Atriz Izaura Ferreira.—12. Atriz Maria Vitoria



tre ator José Ricardo sempre tão queridos das plateas.

Theatro Avenida

UMA FESTA ELEGANTE NO PORTO



Os convidados na Praça da Liberdade antes da partida para Ermesinde



Os organizadores da galaia na festa em Ermesinde, srs. Camilo d'Almeida, Benjamin Fontão, José Torres e Joaquim Menezes



Corrida de ovos: As senhoras antes da partida.



Grupo das pessoas que tomaram parte na festa promovida pelo sr. Camilo Martins d'Almeida



A luta de tração: entre os sr.^{es} D. Libânia Martins Pereira e D. Nini Pereira Martins de Almeida que foi a vencedora.



Depois de chegarem do Porto e antes de partirem para a quinta do sr. Marques Teles na Formiga. — (Clôtho do distinto fotógrafo amador sr. Chaves)

Correios em Portugal

Ardua e difficil seria a tarefa—se por ventura alguém a aprendesse—de estreimar com exactidão humanamente possível o coeфициente de valor social de cada uma das grandes e velhas instituições, ás quaes a civilisação contemporanea deve a grandeza e a magestade da sua missão triunfal de progresso e de luz. Atribuir, contudo, na esfera da capacidade politica e economica dos povos mais cultos, um elevado valor aos correios e aos telegrafos, no seu coeфициente cedido, parece-nos ser um premio de relativa mediocridade. Os correios e os telegrafos teem, dentro do raciocinio analítico social mais comezinho, o seu lugar no primeiro plano a par das velhas e sábias instituições que formaram e consolidam hoje perfeitadas e progressivas as sociedades, onde a evolução dos povos é, evidentemente, um facto.

Com effeito, a justa supremacia social d'este serviço publico é evidente e não foi conquistada sómente á custa da sua subtil e, delicada in-

Em Portugal o serviço de correios e telegrafos vem occupando e com brilho o lugar que a marcha do progresso imperiosamente lhe destina. Impercetivel, porém, quasi, se afigura o ambito cada vez mais largo do seu aperfeicoamento e a amplitude cada vez maior do seu mecanismo. No en-



Engenheiro Antonio Marla de Silva, ministro do fomento no seu gabinete de trabalho



Uma das repartições do Palacio dos Correios em Lisboa, dirigida pelo distinto funcionario sr. Gaeiras dos Santos

dole percursora da civilisação, mas tambem foram d'ela factores de indistritivel valor: a estrutura intima do seu funcionamento, a dedicacão profissional e o acerto da sua direcção superior.

desse ser expurgada, assim á luz da publicidade, da imensidade de erros de enredo, da enormidade de lacunas, lapsos e d'um sem numero de deficiencias de direcção, que o remetente, na

tretanto, é e ha de ser, atravez da sua ascendente carreira civilisadora, o repositorio da primeira falta, do mais insignificante esquecimento, da menor infracção ás leis da boa sociedade, *o passa culpas*, emfim, de toda a gente a quem o compromisso menos formal ia convencionalmente prejudicando!

Se os refugios postaes podesse gosar da exposicão publica, á guisa d'um simples placard de jornal, que de deceções violentas, que situações equivoacas não iriam provocar no conceito bem formado de tanta boa fé!?

Como brilharia a solididade profissional dos nossos serviços telegrafopostaes se ela po-

tranquilidade mais completa do seu espirito, julga não ter omitido!?

Não pode caber no acanhado espaço de um artigo d'esta natureza, um esboço, mesmo ligeiro que fosse, da historia dos correios no nosso paiz; serão portanto, as etapas mais salientes da evolução d'esta

O tarifado postal, isto é, aqui'o que hoje muito simplesmente é designado por porte de correios, que havia a pagar pela transmissão, distribuição e entrega no domicilio, occupou, a primeira atenção dos melhores legisladores e n'ela se consumiu a competencia de distintos funcionarios. As

grandes oscilações no tarifado postal nem sempre obedeceram apenas aos elementos: distancia, peso, e classe da correspondencia; a forma progressiva na razão direta e a formula digressiva na mesma razão, depois da primeira fração, foi por igual objecto de ser a luta profissional.

Depois d'aquella epoca, apparece-nos, como organisação de saliente vigor, decidida vontade e acerto, a reforma de 1800, levada a effecto por José Diogo de Mascarenhas Neto. Este trabalho, que tomou vulto de destaque depois das crises e das pequenas leis e disposições regulamentares sobre os

correios desde 1525 até esta data, foi effectivamente de larga iniciativa e n'ela ficaram creados os primeiros carteiros para a entrega domiciliaria, estabelecido o principio das correspondencias por proprio, serviço de valores declarados, vales, etc.

Em 1851 um novo trabalho de valor, apparece sobre correios; referimo-nos á organisação de 27 de outubro. Esta lei que foi elaborada por João de Sousa Pinto Maga-



Estação Central de Lisboa: Transmittindo ao aparelho Morse

instituição social que aqui deixaremos levemente referidas.

A origem dos correios, por mais investigações que se hajam feito nos paizes de cultura bem evidente, ainda não pôde furtar-se á insubsistencia da sua verdadeira data: ela perde-se, com a da maior'a das velhas instituições juridicas, nas brumas do tempo.

Em Portugal não é bem clara a data que marcou o primeiro passo lado para a formação, com caracter juridico e social, mesmo que rudimentarmente organisaada, a actual e vigorosa instituição postal.

A D. Manuel I, cabe a honra de ter iniciado, nas chancelarias portuguezas, o serviço de correios. Parece todavia, que tão notavel empreendimento não passou da carta de lei que o inspirou.

Em 1525, isto é, 61 annos depois de Luiz XI o haver feito em França, a hipocrita figura de D. João III colhe a honra de haver criado por Lei e estabelecido os primeiros serviços postaes em Portugal. As leis de D. João III, como as que já exist'am em França, na Austria, e na Italia, concediam aos empregados dos correios grandes privilegios, altas prerogativas e, até, ao seu funcionalismo superior, certas honrarias.



Carteiros saindo com o serviço da Estação Central dos Correios de Lisboa

lhães, Eduardo Leça e outros, foi, irrefutavelmente, de grande impulso para o aperfeiçoamento e alargamento da esfera da ação dos serviços postaes até então creados; n'ela foi estabelecido o pagamento dos serviços desempenhados ao publico,

por meio da estampilha, foi creada a uni- Portugal pela lei de 24 de maio de 1911.



1. Serviço de encomendas postaes-repartição do trafego em Lisboa—2. Palacio dos Correios, Lisboa—3. Estação Central de Lisboa. Transmittindo ao aparelho «Hughes»



dade postal de continente e ultramar, iniciado o serviço de refugio postaes e o das primeiras ambulancias postaes. Depois da reforma de 1852 nenhuma outra se nos depara, relativamente, tão completa como a de 24 de maio de 1911. Esta é a que actualmente vigora. Inspira-a um inofismavel proposito de descentralisação, e a ela presidiu rasgada orientação de larga iniciativa e de equidade

As industrias electricas, tanto n'aquela lei como nos seus regulamentos subsequentes, são tratadas com vivo interesse.

A Caixa Economica Postal, que lá fóra é uma velha insttuição de economia domestica e social de resultados praticos os mais prodigiosos, foi tambem estabelecida em



A criação da Caixa Economica Postal veio integrar a organização dos nossos serviços telegrafopostaes no mesmo plano em que vigoram as organizações similares das nações mais adeantadas. Este trabalho foi elaborado pelo engenheiro Antonio Maria da Silva, actual ministro do fomento e decretada pelo dr. Manuel Br to Camacho.

A grande utilidade da Caixa Economica Postal está demonstrada, com enormes vantagens, para a economia particular, e para ela constitue um salutar incentivo, até nas nacionalidades onde o espirito de economia mergulha no proposito mais renitente de fugir ao progresso.

No seu ultimo balancete, esta instituição Portuguesa, que de vida pouco mais d'um ano tem, accusa já depositos d'uma quantidade superior a 72.000 escudos!
Todas as estações telegrafopos-



taes do paiz indicam e facilitam a toda a gente a maneira de serem utilizadas as vantagens d'esta instituição.

A Administração dos Correios e Telegrafos revela-se, no critério como dirige e como se orienta, nas contas da sua gerencia. A de 1911-1912 — a primeira dentro da actual organização — apresentou um saldo positivo de 450.658\$486 réis. A do ano findo 1912-1913 apresenta um saldo positivo de 517.924\$85 escudos! A exploração postal atingiu a soma de 1.966:310\$90,3, e a telegrafica a de 886:613\$35,3!

Mais progressivos, nas condições em que se tem desenrolado a vida publica em Portugal, não podem ser estes serviços. A Suecia, a Dinamarca, a Holanda e outras nações florescentes,

com as quaes se possa estabelecer relativa comparação com a nossa, não apresentam saldos positivos mais liçonjeiros.

Simplemente a nossa Administração dos Correios e Telegrafos não tem em seu poder para melhorar os

serviços aquele saldo positivo. O Estado, durante o ano, já arrecadou limpo e desembaraçado de quaesquer encargos 400.000\$! e, depois, ainda vae receber uma quarta parte dos excedentes 117.924\$85!

D'esta forma, só com prodigios de equilibrio financeiro, ella vae podendo realizar os melhoramentos materiaes que a vida d'hoje impõe e o bom nome dos seus serviços reclama.

Porto, 18-10-913.

F. M. D'OLIVEIRA SANTOS.



Uma repartição do edificio dos Correios do Porto: Expedição de correspondencia

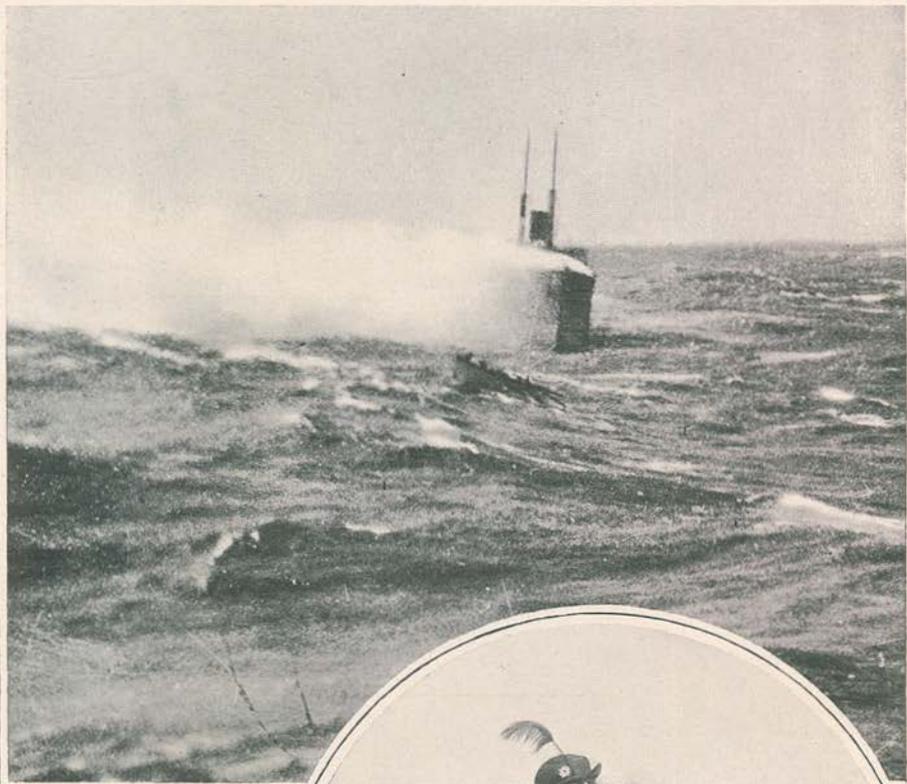


Edificio dos correios e telegrafos na cidade do Porto



Na Estação Central de Lisboa. A expedição de telegramas

A catastrophe do VOLTURNO



Entre as tragicas cenas passadas a bordo do Voltorno, o barco que se incendiou em pleno oceano, ha a d'aquela familia que faleceu na catastrophe á exceção d'uma creancinha que logo mãos carinhosas recolheram e corações generosos adoptaram. No meio de todos os episodios mais ou menos dolorosos d'esse sinistro e entre as cenas de altruismo praticadas esta é das mais comoventes, podendo ver-se n'esta fotografia o cuidado e o amor com que no regresso á sua terra a caridosa protetora do orão o trata querendo fazer a felicidade d'aquela que não tem já mais ninguém no mundo. Miss Kent ará d'esse pequenino um homem e o exemplo que ela deu, ao adoptal-o, sem duvida fructificará nobremente na alma da creanca.



1. O Voltorno incendiado.—(Cliché Daily Mirror, enviado pelo sr. Ramon Perez)—2. Uma das creanças que escapou da catastrophe e que foi adoptada por miss Kent.—(Cliché Archives du Miroir)

O movimento revolucionario de 21 de outubro

Os acontecimentos de 21 d'outubro tiveram como consequencia numerosas prisões de individuos considerados como monarquicos e alguns altamente colocados assim como de varios militares de



do-o ao castelo de S. Jorge o general sr. Ferreira de Castro.

O advogado sr. dr. José d'Arruela tambem foi internado no quartel dos Loios depois de ter ido ao governo civil perguntar os motivos da prisão



Tenente-coronel Castro Ornelas acusado de fazer parte do complot

do Coutinho que devia revolucionar os marinheiros, foi tambem detido seu genro sr. D. Francisco d'Almeida que residia na casa de Bemfica onde se dizia ter-se refugiado

1. Dr. José Lobo d'Avilla Lima, um dos chefes civis do movimento e que se pôz em fuga.
2. 1.º tenente Pereira de Matos, acusado de pertencer ao comité militar do complot e que foi preso

gradações superiores.

Além do capitalista sr. dr. Carvalho Monteiro, acusado de ter guardado em sua casa

dos seus empregados que o agente Tavares detivera afim de averiguar o paradeiro d'aquelle senhor cujo irmão sr. Manuel Agro Ferreira era tambem preso em Coimbra em companhia do sr. dr. Vicente Pindela, (Arnoso) filho do secretario particular do falecido rei D. Carlos. Estes senhores bem como o sr. Carvalho Monteiro foram postos em liberdade. No Porto fizeram-se numerosas prisões



Coronel Adriano Madureira Beça, acusado de chefe militar do complot

O general d'artilheria sr. Jaime Leitão de Castro foi tambem preso por um

em liberdade. No Porto fizeram-se numerosas prisões



Coronel Seabra de Lacerda, preso no castelo de S. Jorge como pertencente ao comité militar do complot



Dr. José Figueirinhas, preso no Porto como conspirador

grupo civil que agrediu ao sentir que o queria obrigar a ir ao governo civil sem lhe enviarem para o acompanhar um official da sua patente o que se fez depois conduzin-



O guarda portão da Associação Commercial, acusado de conspirador, á entrada do governo civil



1.º tenente Artur Teixeira, preso no quartel de marinha

e entre ellas a do conde de Mangualde e seu ajudante Ferreira de Mesquita. No momento da captura procuraram resistir tendo o ultimo ficado ferido na luta com os civis.

Outros officiaes do



1. Tenente sr. Raul d'Andrade Picarra, preso como implicado no *complot*—2. Conde de Mangualde (Ilho), preso no Porto onde pretendia fazer a sublevação—3. General Jaime Leitão de Castro, preso como um dos chefes do movimento—4. Capitão almozarifé Maximo de Vasconcelos, preso em virtude dos acontecimentos

exercito foram tambem presos em diversos pontos do paiz como implicados na tentativa monarchica que apenas se esboçou pelo motim travado entre duas esquadras de policia.

Tambem havia algumas senhoras com entendimentos na conspiração tendo sido presa em Carcavelos a sr.^a D. Julia Coelho da Silva, no Estoril uma outra senhora e em Lisboa a modista D. Adelaide Paiva em cuja casa, na rua d'Alegria,



116, 1.^o, se faziam reuniões de conspiradores.

Alguns individuos sabendo que os acusavam de tomar parte na conjura apresentaram-se ás autoridades tendo sido mandados em paz entre outros o caricaturista sr. Jorge Colaço e o capitalista sr. Fiel Viterbo tendo protestado contra as opiniões politicas que lhes attribuiram os srs. drs. Abel d'Andrade e Anibal de Azevedo.



5. Uma senhora que foi presa no Estoril e conduzida ao governo civil como inculpada na conjura—6. O soldado de Infantaria Carlos Gomes, acusado de ter ferido o sargento José Diogo do quartel do Cabeço de Bola



1. A bandeira monarchica encontrada em casa do preso Astrigildo Chaves a qual tinha sob as quinas um medalhão com a imagem de Nun'Alvares.

Outros individuos aliciados para o movimento como um de nome Astrigildo Chaves, que tinha em seu poder uma farda de tenente, guardavam tambem simbolos, emblemas e mais distintivos que deviam figurar nos dias da revolta. Em casa d'este ultimo foi encon-



3. O medalhão com o retrato de Nun'Alvares da bandeira monarchica.



2. A cruz com o escudo e a corôa que era um distintivo dos conspiradores monarchicos.

trada uma bandeira com a corôa, os escudos e as quinas tendo um medalhão com a imagem do condestavel Nun'Alvares Pereira.

Na cadeia do Limoeiro no grupo habitado pelos ex-officiaes condenados em virtude do *complot* d'Elvas estavam ocultas armas e instrumentos proprios para arrombamento os quaes foram apreendidos depois d'uma busca na cadeia.

Foram postos em liberdade alguns acusados e entre eles o capitão tenente sr. Vieira da Fonseca.



4



5



6

4. Joaquim Beltrão, implicado no assalto à Escola de Guerra.—5. Astrigildo Chaves, acusado de ser um dos cabeclhas da conjura.—6. Moises Ferreira e Joaquim de Souza implicados no assalto à Escola de Guerra.



Fausto Vilar um dos que pretendia assaltar o Límoeiro



A modista D. Adelalde Paiva em cuja casa se faziam as reuniões dos conspiradores, oferecendo-se às objeções dos fotógrafos



Os indivíduos que pretenderam assaltar o Límoeiro, conduzidos para o governo civil



1. O chefe monarchico sr. Constancio Roque da Costa, fugindo a objectta dos fotografos, no governo civil



Dr. José d'Arruela, preso como implicado no complot tendo recolhido ao quartel dos Lotos



3



3. Mario Martins, da Juventude Catolica, preso como implicado no movimento—4. O preso Jesus Rodrigues Barros, que agrediu o sargento Diogo, do Cabeço de Bola

O "Bomfim Beneficente"

O «Bomfim Beneficente», a magnífica instituição de caridade portuense, realizou ha dias a sua festa annual. Desde ha tres annos que tem vestido trezetas e noventa e sete creanças dos dois sexos, oferecido banhos de mar, refeições a pobresinhos n'um grande e salutar exemplo de caridade.

No dia em que se celebrou a festa, duzentas e onze creanças receberam fatinhos para compare-



A comissão fundadora e primeira direção

presidente; dr. Antonio A. Silva Tavares, vice-presidente; A. Ferreira Fiandor, 1.º secretario; João J. Carvalho Lima, 2.º secretario; Manuel Pinto de Azevedo, tesoureiro; Julio Gabriel Ferreira, vogal; Domingos Raiano, cartorario.

Com uma grande dedicação trataram sempre dos negocios d'essa sociedade desenvolvendo-a largamente, exemplo



Grupo de rapazes contemplados pela associação em 5 de outubro de 1913, para solenizar o anniversario da Republica

cerem na sede da Junta Paroquial de onde seguiram para a da associação a assistirem á solenidade.

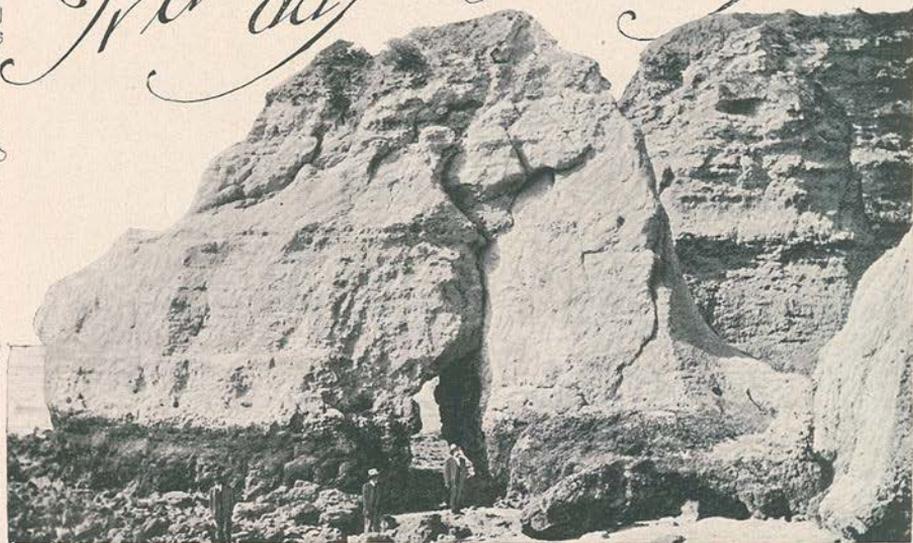
A comissão fundadora do «Bomfim Beneficente» e a sua primeira direção foi composta pelos srs. Francisco Fernandes Garcia, diretor; Guilherme Gonçalves Batista, diretor; João Fernandes de Oliveira Guimarães,



Atual direção do «Bomfim» Beneficente

que tem sido seguido pela actual direção de que fazem parte os srs. Albino J. F. Silva, vice-presidente; Julio Gabriel Ferreira, 1.º secretario; José Ribeiro Baltar, presidente; José Andrade, 2.º secretario; Julio Silva, tesoureiro; Sebastião Abrantes Martins, diretor; Manuel Garcia Fernandes, diretor; Domingos Raiano, cartorario.

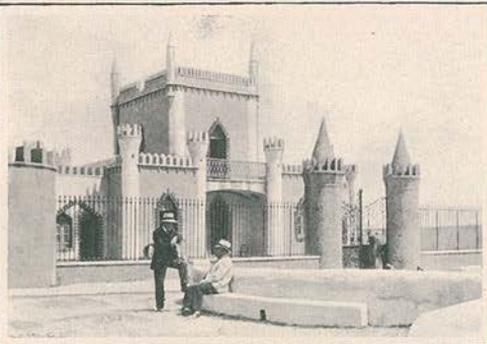
Praia da Armação da Pera



A rocha de S. Miguel

Entre as praias do Algarve é a da Armação da Pera uma das mais pitorescas com os seus rochedos abruptos e a sua extensão cheia de belos pontos de vista.

De ha um tempo a esta parte tem-se feito numerosas edificações n'esta estação balnear onde concorrem muitos banhistas e tem-se desenvolvido enormemente a vila onde já ha estabelecimentos



cheios de modernismo. Uma das edificações mais belas que ali existem é a vila Maria Firmina propriedade do sr. Gregorio Nunes de Mascarenhas um dos grandes entusiastas por esta praia algarvia.



2. Vila da sr.^a D. Maria Firmina, propriedade do sr. Gregorio Nunes Mascarenhas, na praia da Armação da Pera.
3. A Maré grande

FIGURAS E FACTOS



1. O estado lastimoso em que se encontra a ponte de Lourenço Marques—(Cliché da Fot. Luzitana)

O dr. Urbino de Freitas, que faleceu em Bemfica onde aguardava o resultado da revisão do seu processo, era o celebre protagonista do pungente drama de familia em que o ex-lente da escola medica do Porto foi accusado e condenado como envenenador de seus sobrinhos.

Condenado em vinte



2. Coronel Antonio Augusto d'Oliveira, falecido em Valença.
3. Sr. Alfredo S. Gilles, director da Companhia dos electricos

anos de degredo e oito de prisão celular cumpru parte d'esta pena na Penitenciaría de Lisboa e outra parte em Africa sendo indultado e partindo para o Brazil d'onde regressára ha dias para pedir a revisão do processo n'umaancia de reabilitação em que os seus vão continuar.



falecido em Lisboa.—4. Dr. Vicente Urbino de Freitas, falecido em Bemfica.—5. Aspéto do bodo aos pobres por ocasião do aniversario da Republica dado pelo grupo *Futuro* em Cabo Verde.



A inauguração da assistência popular na paróquia civil Marquez de Pombal onde se iniciaram os serviços da nova cantina escolar.



Sr. Dato, novo presidente do ministerio hespanhol

O novo gabinete hespanhol é presidido pelo sr. Dato visto ter fallado a situação Maurista diante das demonstrações publicas contra este politico. O sr. Dato é considerado o primeiro do partido maurista e os seus correligionarios levaram-no a aceitar a chefia do ministerio.



Coronel sr. Antonio Francisco Rodrigues Coelho

O sr. Antonio Francisco Coelho é um abastado proprietario em Mato Grosso (Brazil) que visitou ha dias em Valpassos os seus parentes ali residentes e a escola de S. Pedro fundada por ele distribuiu roupa a todos os alumnos.



Em Chaves: Depois do jantar oferecido pelo sr. Manuel Teixeira d'Azevedo (1) ao sr. João Delgado (2) diretor da escola Alvaro Vieira, que reuniu alguns dos seus alumnos distintos nos ultimos exames de instrução primaria. Assistiu tambem o deputado pelo circulo sr. dr. Antonio Granjo (3)



1. No ateneu Comercial no dia da distribuição dos premios aos alunos: A direcção e os premiados.

A distribuição de premios aos alunos que mais se distinguiram durante o ano letivo no Ateneu Comercial decorreu com o maior brilhantismo e o mais franco entusiasmo.



2. Sr. António Serra, socio gerente da firma Carvalho Serra, falecido em Almada.
 3. 2.º tenente do quadro auxiliar naval, sr. Emilio Halbino, falecido em Peniche.
 4. Sr. João Soares Teles, tesoureiro da junta de Santa Izaabel, falecido em Lisboa.
 5. O escritor dramatico general visconde de Montesão, falecido na Figueira da Foz.



No Gremio Lafonense no dia do seu primeiro aniversario: Alguns lafonenses illustres e convidados na sede da agremiação.

A Fotografia das cores
com as placas

Autochromes LUMIÈRE

é mais simples e mais fácil do que a fotografia a negro. Reprodução exata de todas as cores da natureza.

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Socied. anonyma respons. limitada

CAPITAL:

Acções.....	360.000\$000
Obrigações.....	333.910\$000
Fundos de reserva e amortização.....	356.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marlanaia e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermilo (Louza), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma producao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispoendo dos maquinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressao e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricacoes especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicacoes periodicas do pais e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA — 270, Rua da Princesa, 276
PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

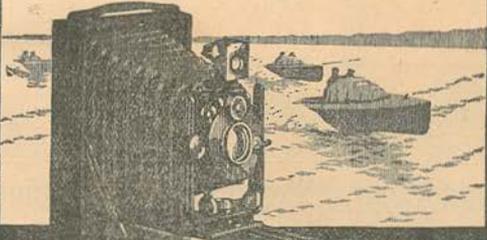
Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa, 605 — Porto, 117.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na época do desmamamento e durante o período do desenvolvimento. Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrhêa, tão frequente nas crianças.

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as FARMACIAS e BOAS MERCERARIAS.



Goerz TENAX

Machinas cómodas e de maior precisão para todos os fins da photographia

O modelo mais moderno:

Goerz-Taro-Tenax 9 12 cm
com tenastigmatico Goerz

A venda em todas as lojas de artigos photographicos

Lista de preços gratis

Optische Anstalt **C. P. GOERZ** Aktiengesellschaft
Berlin-Friedenau 111
VIENNA PARIS LONDRES NOVA YORK

PARA ENADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1913, da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de optimo efeito.

Preço, 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestros anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia póde ser rosaçada em vale do correio ou selos em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SÉCULO"
RUA DO SÉCULO, 48
LISBOA

Roses d'Orsay

Evoca o perfume da Flor

D'ORSAY 17, Rue de la Paix, PARIS



SELLOS PARA COLECCOES
H. POULAIN, 5, rue Victor-Massé, Paris.
GRANDE BARRAIXA ENCIMA DOS CATALOGOS

Lista de preços gratis e fe com um formoso sello de prima. Casdernos para escolher contra referençaa.

1000 dif. P. 12.50	100 Col. Esp., Fos 10. »
2000 » » 37.50	200 » Ingl. 8. »
200 Amer. Cent. 10. »	120 » Franç. 6. »
120 As. F. Ind. 10. »	75 » Portug. 5. »

Agencia d'O SECULO em Paris

8, RUE DES CAPUCINES, 8

(Entre a rua de la Paix e os grandes boulevards)

TELEFONE

ASCENSOR

Salão de leitura — Escritório de informações — Publicidade — Hotéis — Viagens — Propaganda — Teatros — Condições excepcionaes em grande numero das primeiras casas de commercio parisienses — Serviços de guias interpretes — Estabelecimento de relações commerciaes entre a França, Portugal e Brazil

Dirêtor da agência — PAULO OSORIO

Endereço telegrafico — SECULO-PARIS

A *Agencia d'O SECULO* em Paris firmou um contrato com a casa SARTONY, fotografia d'arte (45, rue Laffitte, Paris) que lhe permite oferecer gratuitamente aos portuguezes e brazileiros residentes ou de passagem n'aquella cidade, um magnifico retrato artistico. Para isso os nossos leitores terão apenas de procurar os BONS de sessão de POSE nos escritórios da Agencia, 8, rue des Capucines. Os SPECIMENS estão expostos no salão da Agencia.

Trabalhos de Zincogravura, Fotogravura, Stereotipia, Impressão

Zincogravura

e Photogravura

Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nickelado

Em cobre.

A côres, pelo mais recente processo — o de trichromia.

Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

— e Composição —

FAZEM-SE NAS

OFFICINAS

DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposiçào do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcusavel perfeiçào

Stereotypia

De toda a especie de composiçào

Impressão

e composiçào

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite

OFFICINAS
DA

Ilustração Portuguesa

R. DO SECULO.
43

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).

Em todas as Pharmacias, - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE N. 2777

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME BROUILLARD



Diz o passado e o presente e pre-diz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das teo-rías de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruse, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 5\$000 rs.

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA LUZ A GAZOLINA



Wigard

UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER ALUMINANTE DE 500 VELAS. APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS. PEDIR INFORMACOES A PARIZ, PE-REIRA & C.ª — COIMBRA

Deo-se representantes em todos os concellos



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphaera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10^e Saint-Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obtel-a exigir esta Marca

e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



Seda Suissa

franco de porte a domicilio.

Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em veludos e peluches. Preçam as nossas amostras franco.

Schweizer & Co., Lucerne E 12 (Suissa)

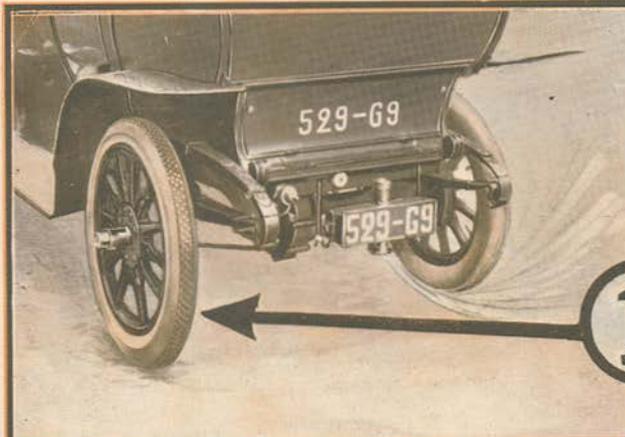


Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos, CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

Tonico Amarello com sello **Viteri**

Preparado desde 1882 pela PHARMACIA BARRETO. — Suspende a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senhoras. Regenera a cor primitiva. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvície, conserva os frisados e ondedos. Não contém enxofre. Frasco 700 réis. Para fora de Lisboa mais 100 réis para porte e registro. Depósito geral

VICENTE RIBEIRO & C.ª - 84, R. Panqueiros, 1.ª - LISBOA



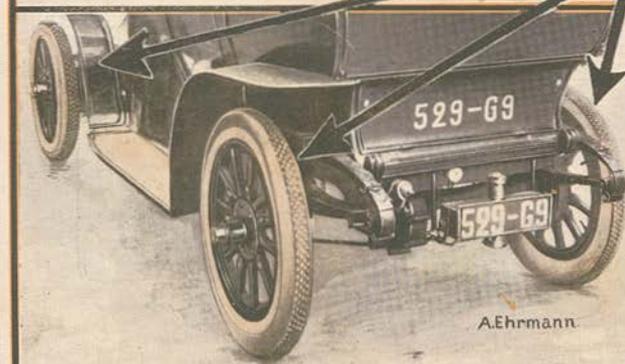
1

Rouge ferré é indispensavel para impedir a "déra-page"



2

Rouge ferré são uteis para poupar a diferencial



3

Rouge ferré são necessarios para prevenir por completo toda e qual-quer dérapage.

PNEU
CONTINENTAL

A.Ehrmann

A' VENDA EM TODAS AS GARAGES